

“Mente pouco, quem a verdade toda diz”

Sandra Mara Moraes Lima
PUC-SP
sandalima605@gmail.com

RESUMO: O trabalho analisa a letra da canção “Dom de iludir”, de Caetano Veloso, apresentando uma reflexão acerca das práticas discursivas construídas a partir das relações estabelecidas, demonstrando como a linguagem constrói sentidos e estabelece poder tendo em vista os valores socialmente construídos, dinâmica que implica sempre um caráter axiológico. Evidencia-se, portanto, o caráter inexoravelmente sócio-histórico-ideológico da linguagem. Nessa direção, a letra de “Dom de iludir” será analisada a partir dos fundamentos da filosofia da linguagem apresentada pelo Círculo bakhtiniano no que diz respeito à concepção de linguagem e sujeito, segundo a qual o ato discursivo se materializa num enunciado concreto como uma resposta responsável que comporta uma entoação expressiva cujos valores e intenções estão socialmente marcados. Nessa perspectiva, a análise linguístico-enunciativo-discursiva do enunciado concreto em questão terá como foco os papéis sociais masculino e feminino na orientação de intenções e construção dos sentidos estabelecidos em uma sociedade patriarcal que pode ser lida na letra da canção.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Verdade. Poder.

ABSTRACT: This work analyzes the lyric of the song “Dom de iludir”, from Caetano Veloso, performing a reflection about the speech practice built from established relations, demonstrating how the language built senses and establish power regarding social constructed values, a dynamic that always involves an axiological character. It evidences, hence, the inexorable social-historical-ideological character of the language. Towards this, the *Gift to Deceive* letter (ou words) will be evaluated based on language philosophy fundamentals presented at the bakhtiniano Circle regarding the language concept and subject, according to the materialization of a discursive act in one real enunciation as one responsible response that admits an expressive intonation whose values and intentions are socially labeled. According to this perspective the linguistics-enunciative-discursive of the concrete enunciate under debate will have as a focus on the male and female roles in the orientation of purposes and construction of senses established in one patriarchal society that can be read in music letter (ou words).

KEY-WORDS: Language. True. Power.

A proposta deste trabalho é analisar a letra da canção “Dom de iludir”, de Caetano Veloso, apresentando uma reflexão acerca das práticas discursivas construídas a partir das relações sócio-históricas, revelando o caráter axiológico e ideológico da linguagem.

Não me venha falar
Na malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor
E a delícia de ser o que é

Não me olhe como se a polícia
Andasse atrás de mim
Cale a boca

E não cale na boca
Notícia ruim

Você sabe explicar
Você sabe entender
Tudo bem
Você está, você é
Você faz, você quer
Você tem
Você diz a verdade
A verdade é seu dom de iludir

Como pode querer que a mulher
Vá viver sem mentir?

Lemos na letra da canção “Dom de iludir” um embate entre um homem e uma mulher em que a voz feminina se coloca, possibilitando a leitura de alguns pressupostos no que diz respeito ao conceito do gênero masculino e feminino ali exposto. Há na letra da canção um conceito de mulher e de homem construído sócio-historicamente e a referência para a construção desses conceitos não são os aspectos biológicos, mas as relações sociais que se fazem baseadas no estabelecimento de poder, determinando o que é feminilidade e masculinidade.

Não há como refletir sobre a construção do conceito de gênero sem antes considerarmos que toda construção humana se fez na e pela linguagem.

Pode-se dizer que toda a epopéia humana inicia na tentativa do homem organizar o caos existente em si mesmo. A partir dessa necessidade começa o homem a nomear o mundo, nomeando

o mundo, cria-o para si. O princípio foi o verbo.

Havendo, pois o senhor Deus formado da terra todo o animal do campo e toda ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo que Adão chamou a toda alma vivente, isso foi o seu nome. E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo (GÊNESIS: 19 e 20).

A palavra nomeia e organiza o mundo. A partir dela o homem pode pensar, agir, teorizar, argumentar e também enganar, oprimir uma vez que, em algum momento, a palavra terá a função de revelar o mundo e a ordem em que tudo deve estar, assumindo seu caráter ideológico. Esse processo de dar sentido implicará sempre um caráter axiológico, uma hierarquia de valores, dependendo do ponto de onde o sujeito olha ou concebe o mundo. Assim, a inserção do homem no mundo e no “real” dependerá de suas possibilidades em relação à linguagem, suas necessidades, suas perspectivas e o momento histórico-social em que se encontra.

Para Bakhtin e o Círculo a linguagem é tomada como atividade que emerge de uma interação e de uma atitude ativamente responsiva e valorativa em relação à realidade, ao mundo. Essa concepção traz embutido o caráter inexoravelmente ideológico da linguagem, isto é, para o Círculo bakhtiniano não existe ideologia sem signo e signo sem ideologia, o que significa dizer que “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. (BAKHTIN, 1988, p. 32).

Essa perspectiva considera que toda a construção ideológica é feita semioticamente, a linguagem é fundante do sujeito e de toda construção sócio-ideológica, que por sua vez constituem os discursos que circulam, trazendo aí materializados o sujeito e o processo sócio-histórico-ideológico que o envolve, a ordem do discurso e os diversos saberes veiculados. Isso remete ao fato de que a linguagem está no sujeito e o sujeito está na linguagem. Assim, forçoso é, mesmo que redundantemente, dizer que a significação dos objetos está sempre prenhe de valores, pois a relação do sujeito e o mundo (o caos) não é um processo direto, será antes, sempre uma relação oblíqua, uma vez que há uma impossibilidade de um conhecimento totalmente objetivo, um adentramento perfeitamente direto e transparente na realidade. Esse processo é sempre metafórico, cria um mundo paralelo ao mundo real, que é incognoscível. Dessa maneira, o processo de dar sentido ao mundo é sempre orientado por intenções e valores, o que significa dizer que, embora a linguagem seja o caminho para significar e organizar o mundo, ela será sempre fundada numa simulação, a real e lisa verdade não existe puramente e, nesse sentido, a verdade pode ser o dom de iludir.

Dessa maneira, a ideologia para Bakhtin nasce junto com o signo e, sem linguagem, não há ideologia. O signo não é apenas a expressão de uma idéia, ele representa sempre uma tomada de posição em relação a valores sociais, tem irremediavelmente um caráter axiológico.

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata

uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). (BAKHTIN, 1988, p. 32).

A refração da linguagem do signo Bakhtin atribui às relações sociais, o confronto de interesses, a luta de classes. A ideologia, em Bakhtin, remete aos interesses de uma classe em se manter dominante e isso se verifica em todos os campos das relações sociais, sejam eles econômicos, religiosos ou acadêmicos. E aqui, acrescentamos a relação entre os gêneros, entre homem e mulher. Assim a ideologia é concebida, nesse contexto, como um conjunto de valores e interesses de um determinado grupo social ou classe. E essa ideologia é inerente ao signo. A linguagem, assim, não pode ser vista fora da ideologia e é o fator primordial de constituição da consciência.

Nesse ponto, Bakhtin recusa completamente o idealismo e a visão psicologista que situam a ideologia na consciência, colocando o signo como uma realidade externa utilizada pelo sujeito interiormente. Afirma Bakhtin que a consciência não pode se manifestar sem um material semiótico e, assim, é constituída desse material: "A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social." (BAKHTIN, 1988, p. 34).

Nessa perspectiva, o sujeito é um fato sócio-ideológico. A consciência sozinha nada pode explicar ou ser, ela depende das relações para se constituir e toda análise desse sujeito, segundo

Bakhtin/Volochinov, não pode estar desvinculada dos aspectos sócio-históricos, uma vez que a matéria, alimento da consciência individual, é o signo em cuja origem está a ideologia. Isso significa que a consciência refletirá a mesma lógica e leis da linguagem em que foi construída. Bakhtin é categórico ao afirmar que “A única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica”. (1988, p. 35).

Dessa maneira, o processo de dar sentido e organizar o mundo se dá no ato discursivo, ou seja, na resposta dada ao mundo através da linguagem. E essa linguagem promoverá sempre um mundo a partir de uma atitude participativa, interessada, estabelecendo as ideologias, as relações socialmente organizadas, que por sua vez serão determinantes na constituição do sujeito que se colocará, pensará o mundo não de forma fortuita, mas vinculado ao fator social. Obviamente se estabelecem aí a tensão, os conflitos nos discursos. A construção de todo e qualquer sentido é sempre interessado, seja ele individual ou coletivo.

Para Bakhtin (1997, p. 17), a verdade se instaura no ato. É o ato discursivo, o colocar-se através da linguagem que propicia a construção dos sentidos a uma dada realidade e isso implica que as verdades existem no ato e não antes dele. Não pode haver verdades *a priori*, ela se faz na ação, no passo dado, o que só é possível na linguagem a partir das relações estabelecidas social e historicamente.

Nessa direção voltemos nosso olhar para a letra da canção, um enunciado concreto em que uma voz feminina se enuncia e expressa um conceito de mulher construído a partir de certos valores sócio-histórico-ideológicos. Ela anuncia: “Não me venha falar da malícia de toda mulher”. Nesse verso traz um pressuposto, o

de que toda mulher possui malícia. E o que vem a ser essa malícia e de onde se originou esse pressuposto? A palavra malícia é atribuída, entre outros significados, ao que é picante, levemente impudico ou, ainda, pode significar sagacidade, astúcia, esperteza conseguida pela experiência. No caso do verso dessa canção consideramos possíveis para o contexto esses significados.

A atribuição à mulher de determinados predicados, comum a todas elas, é justificada através do processo histórico no que diz respeito a organização social e em relação aos valores religiosos greco-judaico-cristãos que nortearam o desenvolvimento da sociedade ocidental. Nesse caso, duas instancias, a econômica e a religiosa, estão correlacionadas, fazem parte do processo civilizatório. Em relação à organização econômica, com a necessidade de formação da família e a garantia de herdeiros legítimos houve uma valorização extrema da fidelidade feminina, colocando nela a responsabilidade de todo fracasso que houvesse nas relações entre homem/mulher, imputando a ela uma natureza pervertida que deveria ser combatida. O mito de Adão e Eva traz a mulher como a que foi responsável pela queda do homem e como punição ser expulso do paraíso. A história e a literatura humana são fartas de exemplos de como o conceito de feminilidade foi construído para a função de salvar a família, ser o apoio do homem, ser e estar para ele.

Segundo Comenius, no século XVI, em *Didática magna* defende que a educação deve ser ministrada igualmente às mulheres, pois estas não deveriam ser privadas da instrução e apela para que não argumentem com as palavras de Paulo: “Não permito, porém, que a mulher ensine” (PAULO, TM II apud CO-

MENIUS, 2006, p. 92) ou a de Hipólito em Eurípedes: “Odeio a mulher douta, e que em minha casa/Nenhuma haja que saiba mais do que convém a uma mulher[...]”. (EURÍPEDES apud COMENIUS, 2006, p. 92), afirmando que a sua defesa para a educação da mulher não se opunha ao pensamento veiculado por Paulo e Eurípedes, pois

[...] visto que não defendemos a instrução das mulheres para induzi-las à curiosidade, mas à honestidade e à bem-aventurança. Sobretudo com relação às coisas que lhe convém saber e obrar: para administrar bem a casa e para promover seu próprio bem, o do marido, dos filhos e de toda família. (COMENIUS, 2006, p. 92).

As diferenças de gênero foram construídas nas práticas discursivas, tendo em vista a supremacia masculina e a mulher como devedora de fidelidade ao homem, de modo a atender à necessidade de uma organização social baseada na propriedade privada.

No registro histórico da humanidade, empreendido preponderantemente pelos homens, as mulheres aparecem excluídas, diminuídas. Consideramos que seria pouco produtivo, nesse momento, apresentar todos os fatos da história que evidenciam o desprestígio social e a opressão a que foram submetidas as mulheres em função do estabelecimento do poder masculino na sociedade patriarcal. Importa, aqui, considerar que a voz feminina que se enuncia na letra da canção de Caetano Veloso aponta pra esse conceito de mulher construído a partir de valores culturais instituídos numa sociedade em que prevalece a supremacia da voz masculina.

Notamos na voz dessa mulher que dialoga com um suposto companheiro masculino que ela está a questionar esses valores. Assume-se como dotada de valores positivos e negativos, remete à condição humana comum a homem e mulher: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é” e apela para que não a condene: “Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim”. Ou seja, não era criminosa. Naturalmente, como sugere o texto, por ter ocorrido um adultério, o que para os homens não é considerado crime. É pertinente assinalar que até bem recentemente o adultério era considerado crime, em nossa sociedade, mas só para a mulher que poderia ser punida até com a morte, lavando a honra masculina.

Nesse texto vemos a resposta de uma voz feminina que rompe (ou tenta) com toda a supremacia masculina, aquele que sabe explicar, que sabe entender tudo bem, diz a ele que “cale a boca” e, paradoxalmente, “não cale na boca notícia ruim”. O que parece ser calar no sentido de abrir mão de sua voz e não calar a ofensa na boca. Em outras palavras, não é calar no sentido de não falar e continuar na mesma posição, pensando do mesmo jeito, é no sentido de abrir mão de um ponto de vista, de um lugar.

Esse interlocutor a que se refere o eu lírico evidencia-se como o homem, o macho da espécie humana caracterizado pela supremacia em relação à figura feminina. Há uma contraposição de papéis homem/mulher explicitado nessa resposta feminina, uma vez que ela explicita o poder que ele enverga fazendo oposição a ela que é mulher: “Você diz a verdade e a verdade é o seu dom de iludir/ Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir”. Há claramente a tensão estabelecida nas posições de homem e mulher.

Essa voz feminina se coloca como interagindo com um interlocutor que é o senhor, o detentor do poder, da verdade. Todos os verbos usados demonstram a soberania desse interlocutor. “Você está”: Ele ocupa os espaços do mundo, ela historicamente esteve atrás dele, acompanhando-o. “Você é”: Ele é reconhecido como ser, o que aparece socialmente, ele é alguém. A começar na definição do dicionário:

Homem s.m. (lat. *Homo, hominis*). 1. Mamífero primata social de posição ereta, que se distingue dos outros animais por apresentar linguagem articulada, raciocínio desenvolvido e produção de cultura. 2. A espécie humana considerada de maneira geral; a humanidade. 3. Qualquer ser humano. 4. Ser humano do sexo masculino; varão. 5. Ser humano que atingiu a idade adulta. 6. *Fig.* Pessoa corajosa, forte, viril. 7. *Pop.* Ser humano de sexo masculino que mantém relacionamento com uma mulher; amante, marido. 8. Indivíduo (operário, soldado, etc.) que executa ordens de seus superiores.

Mulher s.f. (lat. *Mulier*). 1. Ser humano do sexo feminino. 2. Aquela que atingiu a puberdade. 3. Esposa. 4. Ser humano do sexo feminino considerado com suas especificidades. 5. Amásia, concubina.

A maneira de definir o homem e a mulher no dicionário revela todo o caráter ideológico e axiológico na instituição do significado atribuído às coisas. O significado das palavras não é construído desinteressadamente, a despeito das relações sociais. Ao

contrário, “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.” (BAKHTIN, 1988, p. 95).

A primeira definição para o homem é como o primata que se distingue dos outros animais, é o que produz cultura. O significado que se segue a esse traz outro como sendo o sinônimo de humanidade. As características fisiológicas de idade adulta e relacionamento sexual não são preponderantes. No entanto para o conceito de mulher o que irá prevalecer é a definição de um ser a partir do homem, definida pelo papel exercido em função dele. É como se estivesse implícito que a mulher é um ser para o outro.

Embora a significação da palavra seja reiterável e ela possa produzir diversos sentidos em diversos contextos, de acordo com o tom emocional, a intenção a que está servindo, há, segundo Bakhtin, um caminho construído do qual ela não se perde e nem pode se libertar totalmente dos contextos que a integrou. O texto do dicionário não é neutro como poderia se pensar, pois

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.* (BAKHTIN, 1988, p. 44 –grifos do autor).

“Você faz”: Ele é o ser ativo, que faz o mundo, ela o ser passivo, só recebe. “Você quer/ Você tem”: Ele age de acordo com seus interesses, ele quer e tem. Ela, historicamente, foi sugestionada a não

querer, a aceitar apenas. “Elas não tem gosto ou vontade, tem medo apenas,” diz a canção de Chico Buarque e Augusto Boal (1989, p. 144) sobre as mulheres de Atenas, berço de nossa civilização.

Para Bakhtin (1997) todo enunciado é uma resposta que implica uma autoria, uma responsabilidade e a verdade se constrói na instauração desse ato/ação responsável. Convém considerar que esse ato responsivo inclui não só a resposta, o colocar-se em relação ao mundo, ao outro, mas também uma responsabilidade, ou seja, inclui uma autoria, uma assinatura que não é expressão deliberada subjetivamente, ela é inerente ao ato e revela uma posição do sujeito. Esse processo não é determinado individualmente, é uma contingência da linguagem, não há como ser de outra forma, não há como não assinar, não se responsabilizar, não há *álibi*. Estar no mundo significa estar no âmbito da linguagem, significa ser convocado a pensar o mundo e, portanto, todo pensamento, todo ato implica essa responsividade.

Esse colocar-se no mundo, dar uma resposta, implica sempre uma tomada de posição. Por isso Bakhtin atribui ao ato discursivo, de maneira inalienável, o tom emocional-volitivo, a intencionalidade. Ou seja, é através dessa entonação, dessa posição assumida em relação aos valores constituídos que o ato discursivo se dá.

É pertinente esclarecer que esse tom emocional-volitivo, intencionalidade, embora possa ocorrer por razões estranhas à consciência, segundo Bakhtin (1997), a interconexão entre esse tom emocional-volitivo e o conteúdo sentido, experimentado no ato discursivo, não é fundamentalmente fortuita. O que significa dizer que o ato discursivo é sempre uma resposta preche de responsabilidade que não comporta *álibi*.

No enunciado em questão, presenciamos um posicionamento do

eu lírico que se enuncia, denunciando uma autoria, não em termos de autor empírico, mas de um sujeito que se materializa, revelando a posição assumida. Assim, podemos afirmar que nesse enunciado há uma voz feminina que se coloca num enfrentamento contra práticas discursivas de uma sociedade patriarcal em que a voz masculina é a dona da verdade.

Essa mulher questiona a verdade do outro, asseverando que a verdade é o seu dom de iludir e que essa “verdade” estava a serviço do interesse do outro (tom emocional-volitivo). Não haveria como não mentir, pois ela também teria direitos a ser defendidos, ela poderia e deveria, tendo em vista seu lugar de desprestígio, tomar outra posição. Ao anunciar o paradoxo da verdade como ilusão, coloca em xeque a idéia de que existe uma única verdade e que, se assim fosse, estar fora dessa verdade significaria mentir.

Do ponto de vista bakhtiniano, há que se eliminar a tese de uma verdade única representativa da realidade. Pensar a realidade, nessa concepção, deixa de ser representação, é criação. A realização do real, a organização do mundo, é processo que implica sempre o caráter socio-histórico-ideológico. Isso aponta para o caráter da linguagem humana enquanto criadora de realidades, de verdades, de mundo e, conseqüentemente, remete ao caráter constitutivo da linguagem no que diz respeito ao estabelecimento das subjetividades, em que somos formatados grandemente pela linguagem e, sobretudo, pela palavra instituída socialmente com seus acentos e sentidos, que, *a priori*, estão nos domínios de outrem, servindo a interesses de outrem.

Ao dizer que a verdade é o dom de iludir e que, dessa maneira, não se pode querer que o outro viva sem mentir, esse eu lírico

afirma que verdade e mentira são maneiras distintas de conceber o mundo. Assim, pode-se dizer que a apreensão do real é sempre relativa, ainda que haja uma realidade de consenso instituída. A linguagem cria uma realidade para nós, nos impõe e ao mesmo tempo nos confere poder sobre o mundo, quando a usamos a favor de nossos interesses. As verdades são colocadas onde se quer estabelecer determinados valores, defender certos interesses.

A voz feminina que se enuncia na letra da canção busca um viés fora do que está formatado nas práticas discursivas estabelecidas social e historicamente, não aceita a realidade que lhe foi apresentada, olha de outro ponto, é capaz de se colocar, se posicionar, contra o estabelecido, indo ao encontro de si mesma e de seus interesses.

Na perspectiva bakhtiniana a verdade não é uma categoria universal e anterior, pré-existente, ela se faz no processo de experimentar e pensar o mundo. É a atitude concreta do sujeito enquanto um autor responsável do ato que promove a construção do sentido, do que é verdade. O sentido, a verdade, faz-se na relação, o conteúdo do ato é apenas um de seus constituintes que não pode ser visto sem a ação participativa do sujeito. Isso significa dizer que sempre que se instaura uma verdade, um sentido, tem-se ali um posicionamento de um sujeito, um interesse, uma intencionalidade, uma responsabilidade.

O real se dá na instauração de um posicionamento do sujeito que implica uma entonação, uma assunção de determinados valores. Esse posicionamento valorativo, se assim podemos dizer, não é determinado por um Ser objetivo e universalmente válido *a priori*, se dá na realização do ato que coaduna o mundo dado e o

mundo apreendido. Em outras palavras, a realidade não é nada, só vem a ser alguma coisa no momento em que é dita ou é pensada. Assim, o mundo humano não é um mundo apenas dado naturalmente, mas é construído a partir das inserções realizadas no ato por sujeitos situados social e historicamente em lugares únicos. Nesse sentido, sobre o que é a essência da coisa, do que vem a ser o real, afirma Gilvan Fogel:

[...] o ser de uma coisa é aquilo que a coisa realmente é. E o que uma coisa realmente é, é o seu como. Então, se quisermos realmente perguntar tanto pelo “é” como pela “coisa”, é preciso apertar o cerco a este *como*, para ver como ele se faz ou se dá. Parece que tanto “é” quanto a “coisa”, cada qual, é sempre um modo de ser possível, isto é, um como. (2003, p. 19 – grifos do autor).

Isso significa dizer que, nessa perspectiva, a realidade não é *a priori*, não há uma realidade por si mesma existente, não há uma lisa e real verdade, mas a realidade se dá no como, nas inserções efetuadas, como diz Bakhtin, no ato. Dessa maneira, conceber o mundo, pensá-lo, organizá-lo, é sempre dentro de certo enquadramento, de um dado ponto, possibilitado pela linguagem. A linguagem realiza o real, sem argumentos não há fatos, a verdade pode iludir e “Mente pouco, quem a verdade toda diz.” (Rosa, 1986, p. 340). Isto é, a verdade estará sempre comprometida com um olhar. Os graus de variação da verdade/mentira podem variar, mas nunca haverá um grau zero.

Referências

BAKHTIN, Mikhail (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAJTIN, Mijail. **Hacia una filosofía del acto ético**. De los borradores: y otros escritos. Traducción del ruso de Tatiana Bubnova. Universidad de Puerto Rico, 1997.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução: João Ferreira de Almeida. Ed. Ver. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 1995.

COMENIUS (1592 – 1670). **Didática magna**; aparelho crítico Marta Fattori; Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOGEL, Gilvan. **Conhecer e criar**: Um ensaio a partir de F. Nietzsche. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

HOMEM. MULHER. In: Larousse, Ática: Dicionário da Língua Portuguesa – Paris: Larousse/ São Paulo: Ática, 2001.

BUARQUE, Chico, BOAL, Augusto. Mulheres de Atenas In: **Chico Buarque – letra e música**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MALÍCIA. In: Larousse, Ática: Dicionário da Língua Portuguesa – Paris: Larousse/ São Paulo: Ática, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VELOSO, Caetano. Dom de Iludir in: **Totalmente Demais**. Polygram, 1986.

Artigo recebido em 15/11/2010 e aprovado em 15/03/2011.